



ESCOLA
DE ARTES
VISUAIS DO
PARQUE LAGE

50

**anos
de uma
escola**

EAV

50 anos
de uma escola

equipe editorial

coordenação editorial
e concepção visual

XICO CHAVES

coordenação curatorial

TANIA QUEIROZ

concepção e design

RAFAEL RODRIGUES

coordenação
de produção

HUGO BIANCO

coordenação
de comunicação

LUCAS BUENO

assistente de produção

RENAN LIMA

organização de conteúdo

CRISTINA IGREJA

pesquisa histórica

RUBIA LUIZA
E JULIANA MACHADO

revisora

TANJA BAUDOIN



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

apoio



Cultura

produção



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



realização



50

anos de uma escola

*Parece que tudo é sobre uma escola numa floresta.
Ou sobre uma escola num palacete numa floresta.
Mas não. É mais, muito mais.
Trata-se de uma escola que se permite
acompanhar o tempo – o cronológico,
Uma escola que se permite errar.
É como é importante errar!*

Ainda que predomine nas sociedades de hoje um pensamento produtivista, cartesiano, cientificista, a **Escola de Artes Visuais do Parque Lage** segue caminhando à margem, vivendo e aprendendo. Seria tão mais fácil ser uma escola cercada de regras, de dogmas, de normas... De avaliações e certificações. Mas não.

Seguimos sendo nós, um espaço de resistência, de experimentação, voltado para os campos de pensamento da contemporaneidade, suas inquietações, dissabores, prazeres e deleites. A **EAV Parque Lage** vive, e permanece um espaço do exercício da liberdade. Completamos 50 anos, e muitas razões existem para

comemorarmos — estarmos juntos, estarmos em atividade, podermos fazer, pensar, tentar... Sermos livres.

É muito bom estar aqui, agora, hoje, neste momento.

TANIA QUEIROZ

você pode dobrar essa página aqui

e aqui também

Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Um Patrimônio Vivo da Arte Contemporânea Brasileira

Desde sua criação, em 1975, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) se consolidou como uma referência nacional no ensino das artes e um pólo catalisador da experimentação estética e do pensamento crítico. Fundada pelo artista plástico Rubens Gerchman, a instituição foi concebida como um espaço democrático, voltado para a formação livre de artistas visuais, curadores, educadores, pesquisadores e pessoas interessadas em vivenciar ou aprofundar o contato com a arte contemporânea em suas múltiplas linguagens.

Localizada dentro do Parque Lage, aos pés do morro do Corcovado, no Rio de Janeiro, a escola ocupa uma mansão em estilo eclético, projetada pelo arquiteto italiano Mario Vodret. O imóvel, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foi residência do empresário do setor naval Henrique Lage e de sua esposa, a cantora lírica italiana Gabriella Besanzoni. Em meados da década de 1970, o edifício foi transformado em sede da EAV, substituindo o antigo Instituto de Belas Artes e tornando-se um símbolo da renovação artística e cultural no Brasil.

Rubens Gerchman, primeiro diretor da escola, atuou entre 1975 e 1979 e foi o responsável por implementar um modelo pedagógico inovador, que rompia com o ensino tradicional de arte no Brasil, e valorizava a liberdade criativa, o pensamento coletivo e a transversalidade de diferentes áreas do conhecimento. A escola passou a funcionar como um espaço de criação colaborativa, onde arte, política e cultura popular se entrelaçavam. Gerchman propunha um ensino experimental, de caráter antropológico e libertário, que dialogava tanto com manifestações culturais brasileiras (como a Capoeira Angola) quanto com as vanguardas artísticas internacionais, como as oficinas-espetáculo conduzidas por Hélio Eichbauer.

No corpo docente da EAV estavam nomes expressivos da arte e da cultura brasileira, como Mario Pedrosa, Lina Bo Bardi, Ceileida Tostes, Alair Gomes, Paulo Herkenhoff, Lélia Gonzalez e Dionísio del Santo, entre muitos outros. Alguns vinham do Bloco Escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) e outros da experiência vanguardista da Universidade de Brasília (UnB), inspirada pelos projetos educacionais de Anísio Teixeira e Darcy



EXPOSIÇÃO QUEER MUSEUM
NAS CAVALARIÇAS, 2018

LUIZ MELODIA,
NO VERÃO A MIL 1976-1978
acervo memória lage

Ribeiro. A escola reunia, assim, artistas, arquitetos, críticos, pensadores e jovens alunos em torno de uma pedagogia que desafiava o autoritarismo da ditadura militar e propunha novas formas de produção artística e convivência.

Durante a segunda metade da década de 1970, mais de 65 oficinas chegaram a ser oferecidas simultaneamente, atendendo cerca de dois mil alunos. A EAV rapidamente se tornou um dos ambientes mais pulsantes do Rio de Janeiro, promovendo o encontro entre diferentes gerações e correntes de pensamento. A liberdade de expressão, a rejeição ao academicismo e a resistência à censura vigente transformaram a escola em um refúgio criativo para muitos artistas e intelectuais.

Além do ensino, a EAV se destacou como palco de grandes eventos culturais. Entre os mais marcantes estão a 1ª Exposição Mundial de Fotografia, a remontagem da peça *O Rei da Vela*, sob direção de José Celso Martinez Corrêa, e uma mostra inédita de fotografias de Mário de Andrade. No campo musical, o projeto *Verão a Mil*, idealizado por Xico Chaves, levou à escola apresentações de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Cazuzza, Fagner e Chico César, promovendo encontros inesquecíveis entre música e artes visuais.

A escola também abrigava um núcleo de estudos de cinema coordenado por Sergio Santeiro e Roberto Maia. O cineclube CINE-AVE foi responsável por exibir regularmente filmes censurados, produções em Super 8 realizadas por alunos e obras experimentais que incentivaram o debate crítico sobre o cinema contemporâneo. Nomes como Ferreira Gullar, Darcy Ribeiro e Roberto DaMatta participaram de discussões promovidas pela escola, reafirmando seu papel como espaço de reflexão sobre arte e sociedade.

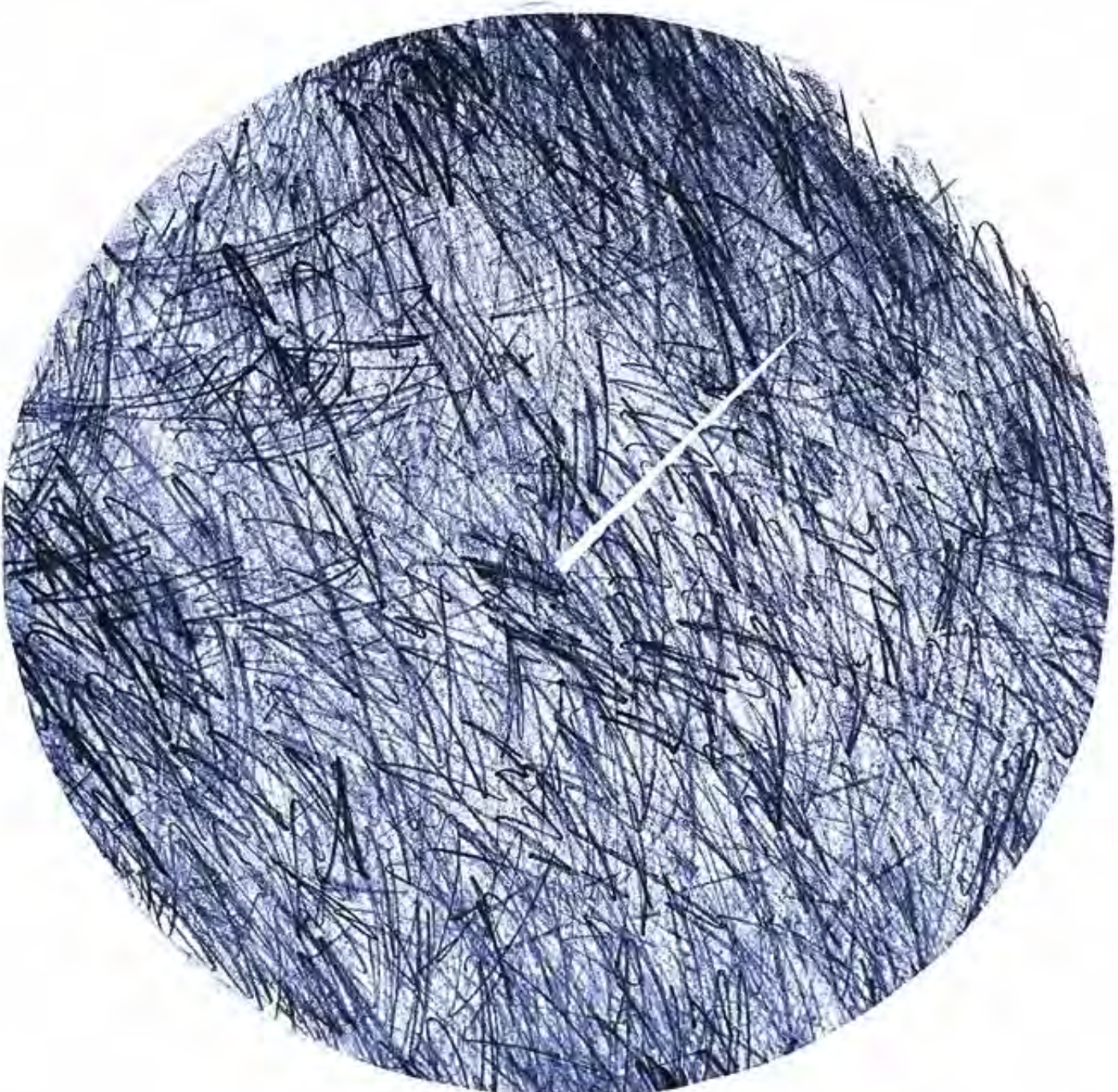
Em meio à repressão política, a escola abrigou expressões artísticas de resistência, como a poesia marginal — movimento literário contracultural que encontrou na EAV um lugar para performances, recitais e encontros com o público jovem. Foi também ali que surgiu a revista *O Lâmpião da Esquina*, primeiro periódico voltado ao público LGBTQIA+ no Brasil, editado por Francisco Bittencourt. A instituição também sediou a Escola Freudiana do Brasil, com pensadores da vertente lacaniana da psicanálise, e os concertos de música dodecafônica organizados pelo maestro e compositor Joaquim Kollreuter.

Hoje, passadas quase cinco décadas de sua fundação, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage continua desempenhando um papel vital na cena artística nacional e internacional. A escola oferece um amplo programa de cursos livres, residências, seminários, exposições e ações formativas voltadas para a diversidade de práticas artísticas. Seu modelo pedagógico não hierárquico e seu compromisso com a liberdade criativa fazem da EAV um espaço singular, onde tradição e inovação convivem em permanente construção.

**Rubia Luiza
e Juliana Machado**
bibliotecárias



**AULAS DA OFICINA
PLURIDIMENSIONAL, 1976**
**EXPOSIÇÃO QUEER MUSEUM
NAS CAVALARIÇAS, 2018**
acervo Memória Lage



EAV 50 ANOS

Litografia com rasgo

memórias

tempo

de relembrear

de comemorar

tempo

de gravar

metal, pedra,

madeira

tecido

papel

registrar vestígios

deixar marcas

experimental

EXPERIÊNCIAS

GRÁFICAS

GIORDANA

HOLANDA

O Parque Lage...
O Parque Lage...

O palacete que inspira seu tempo,
inspira seus mármorees,
inspira seu matto.

E expira, com energia,
o cheiro de muita gente.

O som mudo de Carmem
é audível, em alto e bom som,
por todos os lugares.

Às vezes, uma árvore entra
na sala de aula.

Às vezes, uma coluna discursa
veementemente sobre as formas.

Na curva dos arcos,
o instante está sempre
à espreita de quem passa.

E a piscina, ali no centro
do pátio, nunca foi só água.
Fotografias, exposições, músicas,
livros, exibições, aulas, filmes e
memórias, delicados e ferozes,
com olhos de lince, devoram
esses instantes, antes que
escorram pelas bordas.

**DENISE
CATHILINA**





**FABIA
SCHNOOR**

O movimento
é parte explícita
na obra, na concepção
e realização do trabalho.
Uma ordenação de tempo,
de espaço, um momento
de duração, um não tempo.
O tempo entra como instante:
imminente, urgente. Fabia Schnoor
pesquisa e trabalha o acaso como
parceiro para transformá-lo.
E ainda nos traz de volta
a tão banida poesia.

**Keyna Eleison
Curadora**

especial interesse na contemporânea e suas ressonâncias
da chamada "realidade sintética", emergente da economia da informação, com
portamentais e culturais vinculadas à música
oag

MANATA LAUDARES

Desde meados dos anos 1990, temos nos dedicado à investigação
da chamada "realidade sintética", emergente da economia da informação, com
portamentais e culturais vinculadas à música
oag

com a memória da tradição.

Amplified integra uma série
de trabalhos que reproduzem
fotograficamente caixas
de som modeladas virtualmente,
explorando o binômio real/virtual
e suas incidências nos corpos,
nos objetos e na vida prática.



liberdade, multidisciplinaridade, experimentação e resistência: a Fundação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage por Rubens Gerchman

Era Ditadura Militar no Brasil e se expressar artisticamente estava difícil. “Faltava AR”. E através de uma pequena fissura, uma brecha, uma rachadura, o que se pensou e se fez na Escola de Artes Visuais do Parque Lage pelo artista educador Rubens Gerchman e seus parceiros foi uma prática livre, transdisciplinar e experimental das artes, e assim surge o lugar de encontro, da Escola, um espaço de cultura alternativo e transgressor na cidade do Rio de Janeiro. A fundação da Escola foi um trabalho coletivo composto por: artistas, professores e amigos, que Gerchman convidou e que passaram por lá entre os anos de 1975 e 1979. O papel desses professores foi, conforme repeti, “fundamental para a conceituação da nova escola; eram na sua grande maioria, artistas de renomada importância, alguns sem nunca ter exercido atividade didática, mas de grande carisma pessoal, que tratavam seus alunos como experimentadores e descobridores de ampla gama de possibilidades do fazer e do criar”.
“Nossa ideia era passar os conhe-

cimentos de maneira não ortodoxa, não rígida, que estaríamos experimentando junto com esse usuário. Era essa a ideia da escola: uma escola bem livre”, Rubens Gerchman gostava de repetir. Em pleno Governo Geisel, “apesar de ser o Jardim da oposição, era um lugar que tinha permissão para exercer um fluxo de liberdade que não se dava em outros lugares. Era a possibilidade de liberdade em um país com opressão de ar”, afirmava Gerchman.

Outro aspecto era a abordagem multidisciplinar da Escola: “Além da formação de novos artistas, teve atuação pioneira na discussão da fotografia, trazendo a primeira exposição fotográfica. Criou, cerca de quarenta oficinas de dança e artes plásticas; criou clube, produziu curtas, espetáculos de teatro, de onde saíram cenógrafos e cineastas, além de espetáculos de música com os principais artistas brasileiros”.

Seu lema permanece: liberdade,
multidisciplinaridade,
experimentação e resistência

Clara Gerchman

FILHA DO ARTISTA RUBENS
GERCHMAN E DIRETORA DO
INSTITUTO RUBENS GERCHMAN

A
R
T
I
S
T
A
S
C
A
R
T

O trabalho intitulado **Soho de Valsa** foi exposto em 1984 no atrium do palacete do Parque Lage durante a exposição “**COMO VAI VOCÊ, GERAÇÃO 80?**”. Esse trabalho foi pensado como um site específico com as mesmas dimensões de uma das arcadas internas no pátio da construção. Era um comentário visual alusivo à história da cantora de ópera que vem para os trópicos viver em um castelo eclético construído por seu amor. Assim como a embalagem do bombom, muito conhecido na época, a imagem de fundo rosa com casais valsando tinha o tom operístico e amoroso da história vivida naquele espaço.

**CHICO
CUNHA**



RASURAS E FABULAÇÕES

Para além da violência econômica e bélica, a dominação colonial foi exercida através de um regime de visuaisidades especializado em hierarquizar, classificar e apagar identidades.

A imaginação, a fabulação e a rasura emergem, assim, como técnicas que permitem denunciar as violências que silenciosamente entram pelos olhos e fincam raízes no ser. Na obra *Com quantas revoluções se faz um sonho de existir?*, a artista multidisciplinar e educadora GISLANE se apropria de uma antiga imagem das ruas do Rio de Janeiro do período colonial e despeja sobre ela outras atitudes e novas identidades; uma contra-visualidade que, ao invés de reavivar memórias de uma degradação ritualizada, convida a indagar sobre cidadanias irrestritas e diferentes futuridades.

ROSEMERI CONCEIÇÃO

título: série, **COM QUANTAS
REVOLUÇÕES SE FAZ UM SONHO DE
EXISTIR?** Colagem II colagem
digital, 2024 297x21cm

Gislane



TEMPO ZERO

É impossível avaliarmos o momento matemático da transformação: qual o exato momento no qual a folha verde torna-se amarela ou a folha seca se transforma em húmus? Estes fatos são atemporais. / Não trabalho com folhas secas apenas para falar de natureza; através delas passei a sentir o Tempo como uma sucessão de aqui/agora atemporais. Se são atemporais, não podem ser somados ($\text{zero} + \text{zero} = 0$), e se não podem ser somados, onde está o Tempo? O tempo não passa, estamos sempre, no tempo presente, o que vemos é apenas a transformação. / Nascimento, vida e morte não são coisas diferentes; a transformação faz parte de um todo. / Sobre o eterno retorno: e o tempo é um ponto que abarca todo o universo e a cada novo ponto o anterior se acaba, a cada novo momento estaremos retornando ao presente. / Vivemos permanentemente em um aqui/agora. Conseguimos nos lembrar do passado aqui e agora e imaginamos o futuro aqui e agora, e apenas podemos tomar decisões aqui e agora. Nesse devir eterno a distância não existe: ao pensarmos em alguém, sua imagem nos chega de imediato, independentemente da distância em que se encontre, pois a memória está dentro de nós.

**LIA
DO RIO**





O movimento muscular é iniciado por um impulso sensorial: a mão se move com o material a ser depositado, e este, ao ser transferido para a superfície do suporte, sofre um processo alquímico, retendo em si a energia que iniciou o movimento. O quão maior for a concentração no campo sensorial, nos sentidos, mais intensa será a energia depositada esteticamente no suporte.

**GIANGUIDO
BONFANTI**

CHARLES WATSON é educador, pesquisador e palestrante britânico com uma abordagem única sobre desempenho criativo. Fluente em inglês e português, seus mais de 150 projetos nacionais e internacionais se tornaram referência no Brasil e no exterior.

Inimigo voraz de concepções simplistas sobre criatividade, Charles luta contra propostas como “seja criativo em três passos”. Para ele, ainda que a maioria tenha potencial criativo, poucos de fato o exploram através de um envolvimento profundo com suas atividades e a energia criativa liberada por elas.

Originals, provocativos e por vezes desconcertantes, seus cursos adotam uma lógica contudente para uma tese aparentemente ilógica — a necessidade de “informações inúteis” em qualquer sistema em evolução. “Transiência Permanente”, “Interdisciplinaridade de Promiscua” e “Fronteiras Permeáveis” compõem o colarido léxico de conceitos que ele defende como decisivos para lidar com um futuro inerentemente incerto em um mundo em constante transformação. O Processo Criativo, conduzido em seu curso no Parque Lage, palestras interativas e interdisciplinares, desafiando alguns dos mais comuns mitos sobre criatividade. Alimentado por mais de 30 anos de pesquisas e entrevistas com artistas e profissionais criativos de di-

versas áreas, reforça a ideia de que a semelhança entre as posturas criativas transcende a diferença entre as linguagens e tece uma teia de conexões improváveis entre assuntos supostamente desconexos: de arte contemporânea, design, música, negócios e genética até neo-darwinismo, neurociência, inteligência artificial e comédia stand-up — sempre com uma pitada de humor britânico.

EQUIPE CHARLES WATSON





FILMICAS

CAVALARIÇAS DA EAV-PARQUE LAGE

27 de março - 4 de maio de 2025

Sempre tive um xodó especial pelas Cavalariças do Parque Lage. Penso que é um espaço fabuloso e mágico para se expor em uma construção quase secular no meio da mata atlântica. Esta Mostra foi sonhada como um sussurro de linguagens visuais direto do meu coração para o coração dos espectadores. A Exposição Filmicas é constituída por nove filmes experimentais em curta metragem (cinco Super 8 e quatro vídeos) distribuídos em 4 monitores de 50 polegadas e um projetor Datashow, junto com diferentes “Objetos Filmicos”: livro de artista, polaroids, um ZigZag de parede, fotografias e objetos tridimensionais que se articulam no espaço das Cavalariças. A EAV-Parque Lage faz 50 anos em 2025 e foi fundada pelo artista, Rubens Gerchman em 1975. Filmicas foi a última exposição (27 de março a 4 de maio) antes do Palacete ser fechado por dois anos para uma reforma estrutural e a escola ser transferida para as Cavalariças. A exposição teve curadoria de André Sheik e colaboração da diretoria e de toda EAV. Obrigado a todo mundo que incentivou, participou e a visitou. Valeu.

**MARCOS
BONISSON**



Há muitos tipos de arte, variadas definições do que seja e diversos circuitos por onde transita. Existem inúmeros modos de ser artista. Definir o que é ou não arte não é simples. Artistas que tiveram uma produção consistente são persistentes. Arriscam-se ao máximo, provocam reflexão, alargam os limites do campo da arte, são extremamente focados e costumam produzir arte melhor. Ou melhor arte.

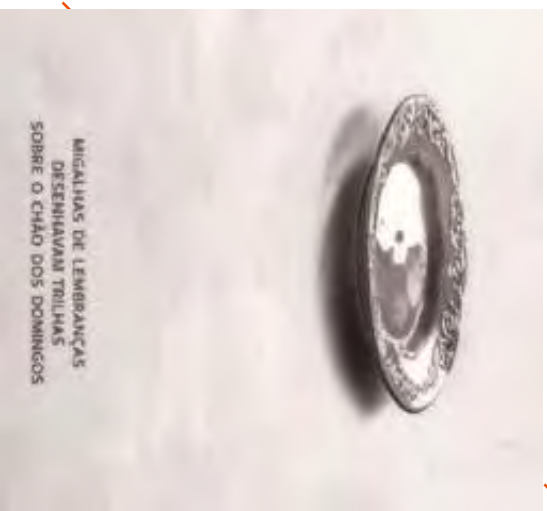
Enquanto professor na EAV Parque Lage, não ensino quem quer que seja a ser artista. O que faço é apresentar o mundo da arte que conheço, seja por meio de técnicas, conceitos, sistemas, modelos ou outra ferramenta qualquer. É artista quem quer ser. Ou quem pode.

**ANDRÉ
SHEIK**

A S C O I S A S

Em que as coisas se tornam quando passam a existir apenas em um estado de latência? São ainda objetos coisas que por décadas permanecem esquecidas em gavetas, armários, malas, despidas de histórias? Como chamar essas entidades não vistas, não tocadas, não utilizadas, não sentidas? Despertos em um tempo que não é mais o seu o que um dia a precaução, a poupança, o excesso de zelo, o afeto ou o medo isolou e que a esperança manteve, tornavam-se iscas arremessadas do passado para nos capturar na absurda saudade do que não vivemos.

**LUIZ
ERNESTO**



MIGALHAS DE LEMBRANÇAS
DESENHAVAM TRILHAS
SOBRE O CHÃO DOS DOMINGOS

Em 2024, apresentei na Capelinha do Parque Lage a exposição “tudo que tive que engolir nessa vida”, que explora uma ideia de paisagem que venho desenvolvendo desde o início da minha carreira. Penso a paisagem como um recorte de espaço e tempo, mas que não precisa estar circunscrita dentro dos limites da história da arte, do olhar naturalista ou fotográfico. A ideia é falar de uma paisagem que é narrativa também, que se apresenta de forma não linear, fragmentada, e que dá conta de um mundo que já não funciona dentro da lógica de uma perspectiva única.

Gosto de pensar no monstro do livro Frankenstein, de Mary Shelley como exemplo dessa forma de pensar a subjetividade, algo que a modernidade considerava monstruosa, mas que na contemporaneidade, com a realidade sendo editada e quebrada em múltiplas narrativas, parece ser condição básica para pensar o sujeito.

**PEDRO
VARELA**





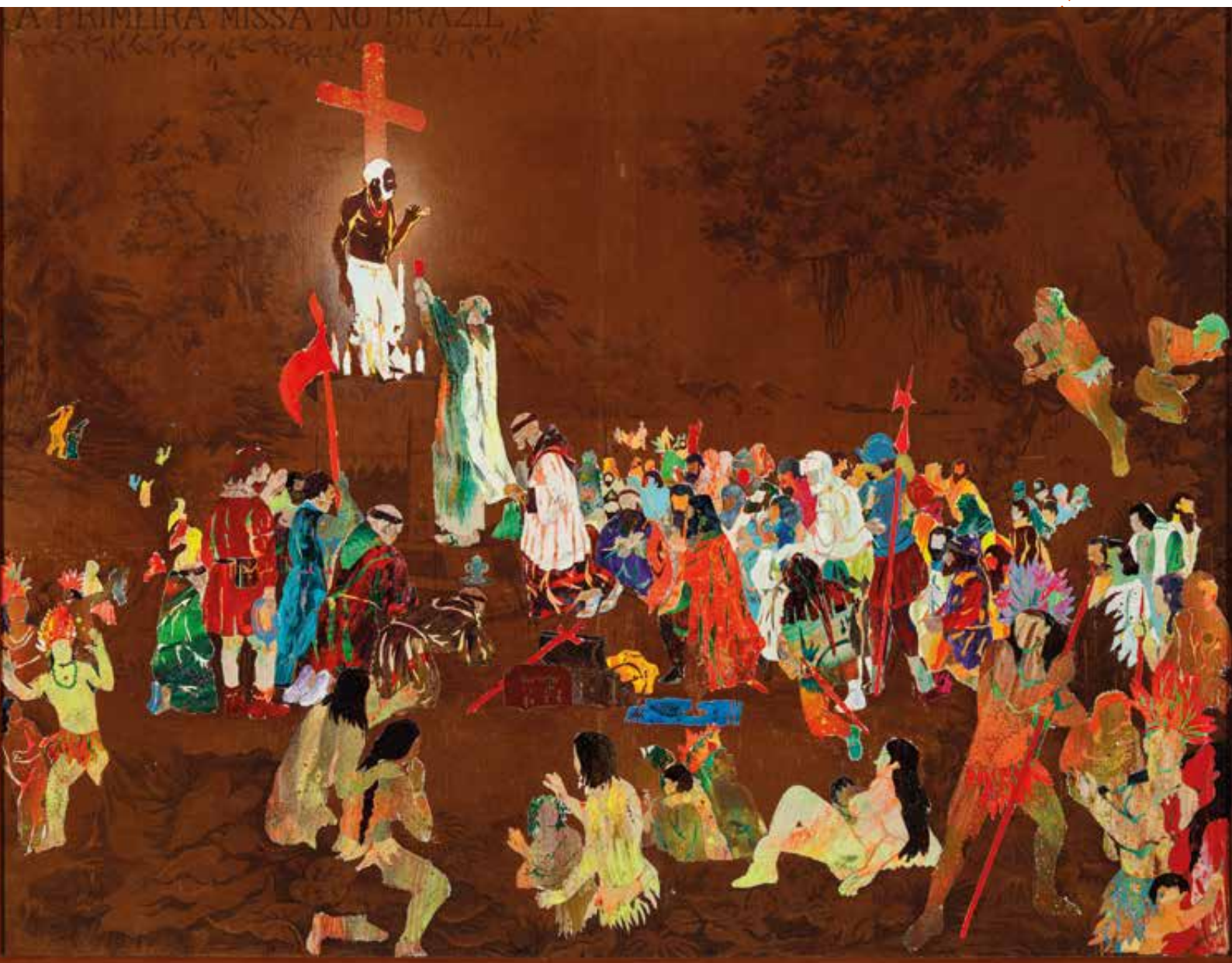
A PINTURA É IMORTAL!

Tolos aqueles que pensaram ou ainda pensam o contrário.

Vencemos!

Pelos mestres que ficaram pelo caminho ou nas trincheiras da resistência durante os ataques sofridos, nunca desistimos, mesmo quando nossa arte maior é dita como ultrapassada, anacrônica... um meio que preza pelo tempo bem vivido e aproveitado. uma prática que não tem atalho: não há boa pintura sem incontáveis horas de voo. Grande metáfora da vida. Pintura é sobre fé na caminhada. Como escreveu Ferreira Gullar
“caminhos não há os pés na grama os inventarão”.

**BERNARDO
MAGINA**



BRUNO MIGUEL desenvolve desde 2004 sua pesquisa em torno da construção e da representação da paisagem na contemporaneidade; atuante em diversas linguagens, o mesmo elege a pintura como tema principal de sua rotina obsessiva de produção. Na última década, as questões acerca da paisagem começaram a dar lugar a uma investigação maior da pintura como linguagem e suas interfaces na vida cotidiana contemporânea. Notabiliza-se em sua pesquisa a apropriação de memórias afetivas do universo doméstico através da utilização de suportes como porcelanas, tapeçarias, móveis e objetos adquiridos em leilões e casas de antiguidades. Mas, acima de qualquer retórica que Bruno desenvolva para justificar suas opções, a verdadeira força de sua pesquisa está no trabalho. Não na obra em si, mas na labuta do atelier, onde sua curiosidade e inquietação fazem com que sua pintura se mantenha em transformação. Onde suas compulsões buscam erros ansiosos por soluções imprevisíveis, tão generosas que se escondem por trás do deslumbre banal das imagens fáceis. Sua pesquisa é um tipo de pós-pop periférico, sempre relacionando as ditas alta e baixa culturas. Uma maquiagem vulgar e exuberante que superficialmente disfarça sua condição de eterna busca pela beleza. Não da pintura, mas do pintar.



Os retratos de O Bastardo **representam** mais que negação; **festejam novos protagonistas** e formas de representação. [...] **REALIZADOS com a técnica do grafite** e inspirados pelos desenhos de rua, **COM MOTIVOS FORTES E PROPOSITAL incompletude,** essas pinturas revolucionam o gênero.

Lilia Schwarcz

O BASTARDO



LAGE EM TRANSE Besanzoni canta Traviata pra Humberto Mauro e pra Mário Peixoto na piscina de Macunaíma. O Cine Lage passa os filmes dos alunos de Cinema da EAV mergulham as imagens de HABNERA e de RENATO para lavar a alma A pororoca da piscina se move para a cobertura. Glauber grita pra Jardel & Glauce Rocha-que-voa : O povo, esse ignorante! convocando filas imensas a subirem as escadas pra fotografia posada. O Cristo Redentor desce o Corcovado. Nunca foi fotografado assim! Índio quer apito. Cuñambebe dança pro turista. 525 anos de xaxado. 50 de pincéis e tintas e cores e todos os temas — da Geração 80 ao hiper-libertário cada qual no seu pedaço faz o que quiser expressar. E quem sugere essa sina? Xico Chaves junta suas sementes e pós dourados das Minas, Alberto Saraiva planta seus igarapés na paisagem carioca; Aquila esbanja cores; Gerchman pleiteia um habeas corpus preventivo pra quando Lindonéia for localizada, na ilha salvadora cercada de autoritarismo por todos os lados. Paus e xoxotas brotam do (ar) riscado desenho do professor Arruda — não há galho de arruda suficiente pra enxotar o mau olhado. Mas vencemos! **LUIZ CARLOS LACERDA** cineasta e professor da EAV

**Objeto -
poema /
pintura objeto
/ o prazer de
pensar**

entre a palavra-objeto e a imagem não há uma linha limitrofe que a inteligência artificial decodifique. uma imagem não fala por mil palavras e o inverso também é possível. o poema mágico não tem limites. o poema objeto e o objeto-poema são mais que inter-signos. são também o que se associa, o que para o artista é um vício: vasculhar uma galáxia de detritos para encontrar sentido em prosseguir o seu ofício. constrói-se a obra que se faz com o título. configura-se o título quando a imagem o torna explícito. nas linguagens limitrofes coexistem quase-cinema, quase-pintura, quase-teatro. não existe quase-poema. o poema afina e desafia a melodia. transgride e reconstrói a desconstrução de si mesmo onde o olhar se anistia. em sua órbita, não se alinha a um único destino. surge de um ponto da paisagem vazia e se aninha na própria forma que lhe deu origem. em toda sua absoluta liberdade, fica o dito pelo não dito, onde o ponto final não é limite, nem existe

**XICO
CHAVES**





Buscando a evolução do Grafismo Indígena, ganhei a oportunidade de entrar no ventre da Escola de Artes Visuais do Parque Lage em 2023. Onde tive o prazer de viver com artistas, amigos e mestres que apresentaram um verdadeiro portal das artes. Essa mescla da versatilidade contemporânea, com a nossa valorosa cultura milenar me fizeram olhar para a natureza e a geometrizar sua vivacidade, fundir suas pale-
tas, encaixar dimensões. Eu estava viciado em observar a natureza em toda sua beleza. Cada escama, pelo, pelagem, a fissura da pedra, o esqueleto de uma folha; águas que voam e chovem, suas sementes. Existe um museu com obras mais lindas que a natureza? Uma exposição ou curadoria com artes que se unam de formas mais harmoniosas? Colher pequenos reflexos do ambiente; transformar em esboço, esboço como espírito da pintura imergindo em cores.

No início de 2025, estava maravi-
lhado em ser parido pela EAV na Capelinha do Parque Lage, com a exposição que inaugurou o ano de celebrações dos 50 anos da Escola — a mostra Grafismo Emergente. Um tributo sincero aos primeiros artistas do Brasil, os povos originários — cujas vozes hoje sussurram, enfim, no ouvido atento da arte moderna

TIRRY PATAXO

LE RETOUR DE SATURNE (O RETORNO DE SATURNO) nasceu no exato momento em que completei 30 anos, no ciclo simbólico em que Saturno retorna ao mesmo ponto em que estava no instante do nosso nascimento. Depois da travessia pelo Marrocos, carregando no corpo as marcas de um verão abrasador e as tensões de ser mulher em território hostil, percebi que meus traumas orbitavam em torno de um centro denso e silencioso. Essa escultura é esse centro. Os anéis metálicos que a cercam são como as experiências que coletei, cortantes e circulares, forjadas na associação Le Sprinkler, onde tenho meu ateliê na cidade de Noisy-le-Sec, periferia de Paris, com as minhas mãos e também as do Antoine e da Rosalie — um corpo coletivo a construir planetas imaginários.

Carrego comigo os símbolos das bruxas **Amazighs**, suas joias-armaduras e alfabetos talismânicos, impressos na matéria como proteção e narrativa. Em *Le Retour de Saturne*, o metal armazena calor, violência e desejo, um relicário que pulsa as histórias das mulheres que resistem. Hoje, essa peça flutua na exposição *You need to be aggressive to be a sculptor, really*, em Nova York - um nome que é ao mesmo tempo ironia e manifesto. Porque, no fundo, toda escultura é um corpo em luta.

**LYZ
PARAYZO**



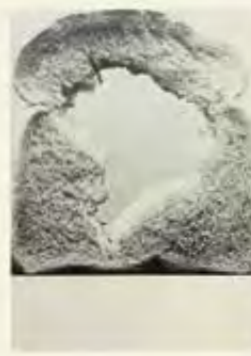
um só fenômeno.
manifestação da forma e na
aparência da matéria, na
que se realiza na manipulação
físico emocional da matéria, na
instalar-se uma experiência
entre sujeito e objeto para
e fora, com tal ponte entre dentro
se e, quanto e efeito de fazer-
fazer quanto e efeito de fazer-
o fazer quanto e efeito de fazer-
e da subjetividade, de modo que
inspiração. Em tal ambiguidade
vejo a empresa comum do corpo
e a criação que também designa
aquele estímulo ao pensamento
mesmo nome também lembra que o
inspirar. Mas cabe lembrar que o
introduzir o ar nos pulmões — de
primário termo, nome de
Fisiologicamente, sabemos, o
fôlego — a fragilidade física
ambos, papel e mulher: Esta em
a resistência, a ductilidade, de
Estão lá a força, a inteligência que
de uma inteligência entre o gesto
e o papel. Basta ver para nascerem da
peleja, da disputa entre o gesto
o quanto as formas nascem da
utiliza. Basta ver para nascerem da
de um embate: Iole testa em
Cada escultura/objeto resulta

IOLE DE FREITAS

Eucanaã Ferraz

única realidade corpórea,
contorno. Tudo se torna uma
consistência, densidade e
próprios limites, temperatura,
autônomo, uma pele com seu
lado, a própria matéria, seu corpo
para avivar a ação direta do outro,
já observável antes: de um lado,
ainda, entre outros polos, como
os indetermiinados, fluídos. A
intenso de um polo a outro torna-
e o desembarque; centro (lugar
— o corpo é o posto (lugar
onde se processam o concreto e
transmissor) onde o trânsito
abstrato, presente e ausente
que não procura menos do
interioridade e exterioridade,
visível e invisível, concreto e
Iole não procura menos do
interioridade e exterioridade,
visível e invisível, concreto e
abstrato, presente e ausente
onde se processam o concreto e
transmissor) onde o trânsito
intenso de um polo a outro torna-
os indetermiinados, fluídos. A
já observável antes: de um lado,
para avivar a ação direta do outro,
autônomo, uma pele com seu
próprios limites, temperatura,
consistência, densidade e
única realidade corpórea,





O Pão Nosso de Cada Dia, 1978

**ANNA
BELLA
GEIGER**

é uma artista brasileira reconhecida por seu trabalho no campo da arte conceitual, abordando temas como identidade, política e crítica social numa poética visual.

Uma de suas obras mais emblemáticas, *O Pão Nosso de Cada Dia* (1978), consiste em uma série de fotografias nas quais a artista se alimenta do miolo do pão. A cena foca seu próprio rosto e mãos, estabelecendo uma relação simbólica entre alimento, cultura e desigualdade social. A obra reflete sobre a conexão entre o ato de se alimentar e o cenário político e econômico do Brasil durante a ditadura militar.

Anna Bella dialoga com questões sociopolíticas do Brasil nos anos 1970, período da ditadura militar, refletindo sobre a distribuição desigual de recursos e a luta pela sobrevivência. O título remete à oração cristã "O pão nosso de cada dia nos dai hoje", mas, no contexto a obra, sugere uma crítica à precariedade enfrentada por grande parte da população brasileira. A apropriação dessa frase carrega um tom irônico e crítico, enfatizando as dificuldades vividas pelas classes menos favorecidas.



PEQUENO MANIFESTO DE ARTE E MAGIA

Não somos seres humanos vivendo em um mundo real. **SOMOS SERES SIMBÓLICOS** vivendo num mundo simbólico.

A parte concreta do que chamamos de realidade é pequena. Identidade, família, sociedade, dinheiro, relacionamento, emoção e cultura são imaginários: um mundo de estruturas invisíveis recriadas a todo momento pela linguagem.

A linguagem surge quando a humanidade começa a sonhar. Sonhar nos leva ver coisas que não existem: passado, futuro e invenção. Passamos a falar sobre essas coisas que não têm matéria: deuses, espíritos e histórias. Para habitar o mundo invisível, surge a **MAGIA E SUA EXPRESSÃO: A LINGUAGEM**, que pode ser visual, falada ou escrita.

Quando usamos a linguagem, estamos usando uma ferramenta mágica. Se você toma consciência do poder da linguagem de mudar o mundo, você começa a fazer Arte e, ao mesmo tempo, você começa a fazer magia. Neste mundo simbólico, uma ação simbólica tem tanto efeito quanto uma ação concreta. Isso é magia.

O poder da Arte: manipular o real a partir do simbólico.

TODA ARTE É MAGIA.

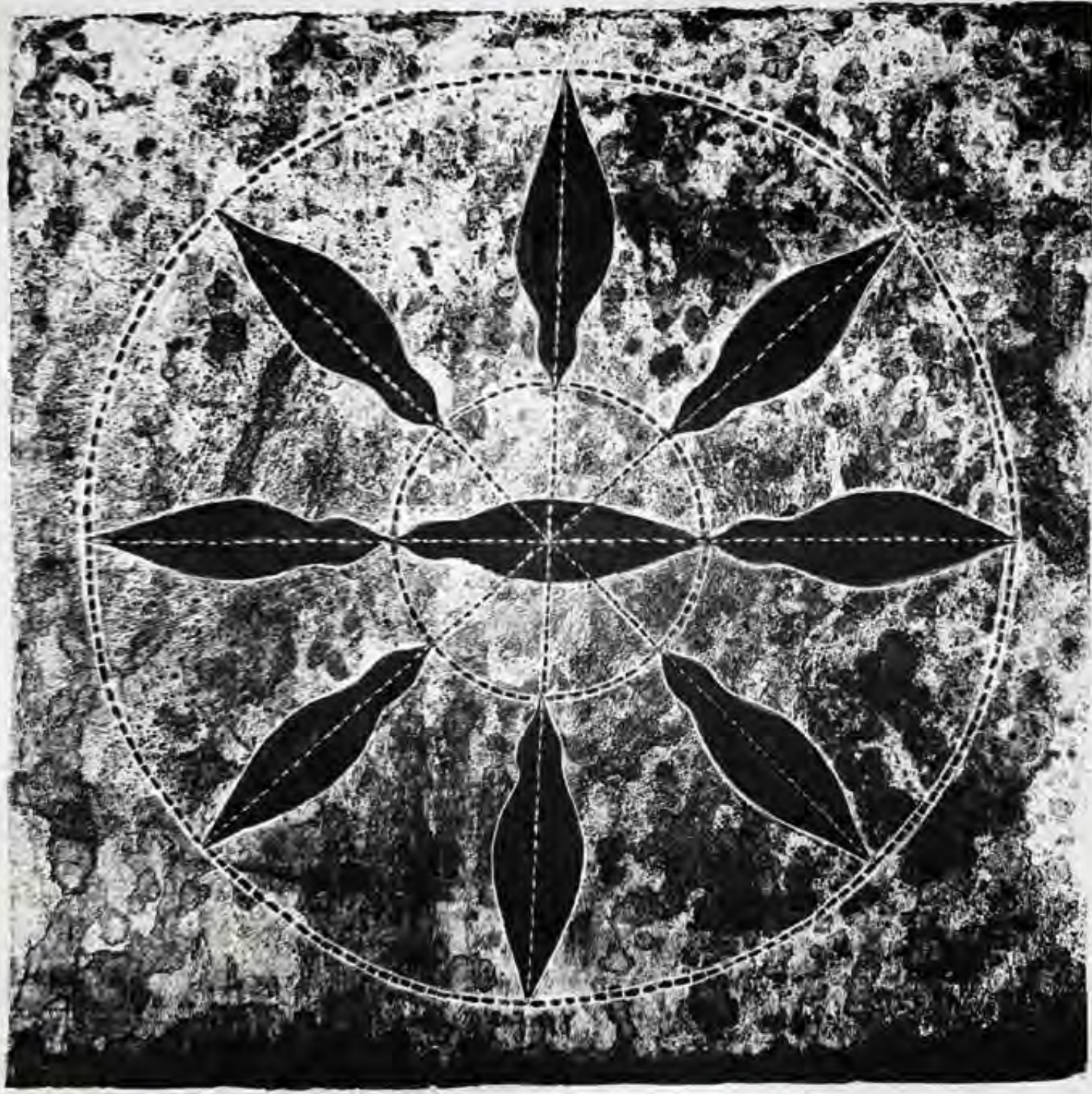
**NADAM
GUERRA**

BINÁRIOS
TINA
VELHO

Os trabalhos de Tina Velho nos levam a diferentes tempos, espaços e a memórias que talvez ainda não tenhamos, mas que podemos sentir. São leituras que não se esgotam com a imagem. O que vemos pode nos indicar muitas outras coisas que estão ou estiveram em nós e em nossas vidas de alguma forma e em algum outro momento.

As referências às figuras de pessoas, animais ou objetos presentes em seus trabalhos fazem parte de seu repertório desde os anos 1980. Sua pesquisa segue em processo, que não se restringe a procedimentos estabelecidos ou a determinadas linguagens artísticas. Tina Velho transita por técnicas, meios e materiais desde os mais tradicionais como a pintura e a litografia até o uso das mais modernas tecnologias. Vem construindo uma série de trabalhos que lidam com a ideia de composição orgânica do próprio mundo, este mundo, que é teletransportado via web, e que se reorganiza em função de pesquisas artísticas relacionadas a questões mais humanas e profundas, que se configuram imageticamente como elementos da gênese de tudo o que existe e que nos é próximo.

Queiroz, Tania





EU SOU EU E O CAVALO NÃO É MEU O calor incandescente do ferro emerge como pretexto para a voz que se eleva num megafone: não é apenas um corpo em nudez, mas o brilho derramado de uma chama libertária. O cavalo, monumento silente, ganha pulsação quando a pele humana toca seu dorso quente em meados de março de 2021, momento ápice da pulsação da morte, e a palavra atravessa o espaço público como sopro vital, convocando uma infecçiosa urgência pela vacina e pela liberdade de pulsar no próprio tempo.

Entre o riso em polvorosa dos transeuntes e o silêncio cúmplice do monumento, habita a tensão poética do gesto insólito: o gesto artístico que desnuda a tradição da estatuária militar, fazendo do inusitado o espelho onde se vê, inquieto, o desejo de mudar o mundo. Nesse encontro de corpo e metal, ressoa a pergunta sobre quem possui o corpo coletivo — e se, por acaso, não somos todos, ao mesmo tempo, cavaleiros e cavalo.

CHICO FERNANDES

COME INTO THE (W)HOLE (DEPOIS DE MARCOS CHAVES), 2017 fotografia, 50 x 50 cm foto Silvio Aguiar

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage desde sua fundação em 1975, tem sido um espaço de criação e formação de excelência, referência no país, contribuindo para fortalecer atividades culturais e criativas do estado. O lançamento da nova revista de arte inclusiva e atualizada nas discussões da arte, será mais uma importante ação da atual gestão.

Neste ano de comemoração dos 50 anos da EAV- Parque Lage, através de recursos do Governo do Estado foi iniciada a tão esperada obra de restauração do Palacete Lage, com mais de 20 milhões de reais investidos.

Neste sentido, celebramos esta grande realização para a população do estado do Rio de Janeiro, preservando o patrimônio e o espaço para a formação de público e artistas que a EAV-Parque Lage proporciona.

**DANIELLE
BARROS**

Secretária de Cultura
e Economia Criativa

Governador do Estado
do Rio de Janeiro

CLÁUDIO CASTRO

Secretária de Estado
de Cultura e Economia
Criativa do Estado
do Rio de Janeiro

DANIELLE CHRISTIAN RIBEIRO BARROS

Superintendente de Artes da
Secretaria de Cultura e Economia
Criativa do Rio de Janeiro

CRISTINA DE PÁDULA

**ESCOLA DE ARTES VISUAIS
DO PARQUE LAGE**

diretora

TANIA QUEIROZ

coordenadora de ensino

VANESSA ROCHA

assistente de ensino

PATRÍCIA CHAVES

coordenadora de projetos e acervo

MARIA HELENA CARDOSO DE OLIVEIRA

coordenação da secretaria

CAMILA OLIVEIRA

secretaria de ensino

CARMEN DA COSTA SOUZA

VIVIANE SAMPAIO

supervisor de comunicação

RENAN GORITO

designer

RAFAEL RODRIGUES

produção e edição de vídeos

LUANNA BELMONT

assessor de relações institucionais

LUCAS BUENO

assessor de imprensa

LEONARDO BARROS

coordenador de produção

HUGO BIANCO

assistente de produção

RENAN LIMA

gerente de eventos

NALDO TURL

bibliotecária

RUBIA LUIZA

bibliotecária auxiliar

JULIANA MACHADO

supervisora de projetos especiais

CRISTINA MARIA IGREJA

gerente administrativo
e financeiro

CELINA MARTINS

gerente de patrimônio e compras

FABIO AUGUSTO LOPES

supervisor financeiro contábil

HÉRCULES DA COSTA SOUZA

analista de planejamento
financeiro

LEILIANE SILVA

analista financeiro

JOSÉ CARLOS SILVA TEIXEIRA

supervisor de tecnologia

RAYAN DE ANDRADE

manutenção elétrica e predial

NILTON MADEIRA

PAULO SÉRGIO SILVA

assistentes de administração

LUAN LACERDA

assistentes de serviços gerais

LILIANE SIMÕES

assistente de sala de aula

FÁBIO CASTRO

RYAN BARBOZA

AMEAV

presidente

MARCELO VIVEIROS

DE MOURA

vice-presidente

EUGÊNIO PACELLI DE OLIVEIRA

PIRES DOS SANTOS

conselheiros

ALVARO PIQUET

GUSTAVO MARTINS

CARLOS ROBERTO

DE FIGUEIREDO OSORIO

MAX PERLINGEIRO

GABY INDIO DA COSTA

JULIA DIAS LEITE

PAULO VIEIRA

Esta publicação foi composta com as famílias
tipográficas Adobe Caslon, Constantia, Gotham,
Monument Grotesk e Panfleta Stencil.

A capa foi impressa em papel vegetal 142 g/m²
e o miolo em papel couché fosco 250 g/m².

A impressão foi realizada pela Leograf,
em dezembro de 2025.

lista de obras reproduzidas



ANDRE SHEIK
Perna, 2017
serigrafia



CHICO CUNHA
Sonho de Valsa, 1985,
técnica mista sobre tela
exposição "Como vai você,
geração 80?"



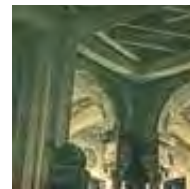
ANNA BELLA GEIGER
O Pão Nosso
de Cada Dia, 1978
cartões postais fotográficos



CHICO FERNANDES
Come into the (w)hole (depois
de marcos chaves), 2017
fotografia
registro fotográfico
Silvio Aguiar



BERNARDO MAGINA
Centro Vermelho
e Verde, 2024
série Pinturas Sublimes
acrílica sobre tela



DENISE CATHILINA
À bientôt, 2025
fotografia



O BASTARDO
As bailarinas II, 2024
tinta óleo, acrílica
e posca sobre linho



FABIA SCHNOOR
Travessia, 2019
Nanquim sobre papel,
gaze e costura



BIA AMARAL
Sem título, 2017
relevo sobre imagem digital



GIANGUIDO BONFANTI
21.10.2022, 2023
Impressão pigmentada
sobre papel



BRUNO MIGUEL
A Primeira Gira no
Brasil, 2022
tinta acrílica, tinta a óleo e
tinta em spray sobre tapeçaria



GIODANA HOLANDA
Sem título, 1988
litografia



CHARLES WATSON
registro das aulas
na EAV Parque Lage



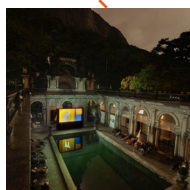
IOLE DE FERITAS
Aramão, 1983
latão, alumínio
e plástico



LIA DO RIO
... o tempo não passa...
1995
cimento e árvore centenária



RUBENS GERCHMAN
Sem título, 2000
papel recortado sobre papel,
década 2000



LUIZ CARLOS LACERDA
Sem título, 2017
fotografia



GISLANE
Com quantas revoluções
se faz um sonho de
existir? 2024
colagem digital



LUIZ ERNESTO
Da série Pintura Muda,
2014
Fibra de vidro, resina epoxi,
fotografia e pintura



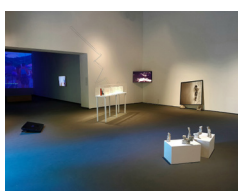
XICO CHAVES
Pirá 01
minerais
e pigmentos naturais
sobre objeto, 2025



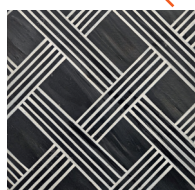
LYZ PARAYZO
Le Retour de Saturne,
2025
latão e prata



TINA VELHO
Binários, 2023
litografia



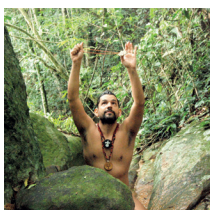
MARCOS BONISSON
registro da exposição
Filimcas, 2025



TIRRY PATAXÓ
Entrelaços, 2023
técnicas do grafismo indígena
acrílica sobre tela



MANATA E LAUDARES
Sem título (amplified),
2006
imagem modelada
virtualmente



NADAN GUERRA
Artista Mago,
Auto-Coroação, 2019
Performance ritual na
cachoeira do Parque Lage
registro fotográfico
Mônica Coster



PEDRO VARELA
Tudo que tive que engolir
nessa vida, 2024
colagem de pinturas
em acrílico sobre linho
detalhe